

EDITORIAL

Comunicação através da Rádio Peão, comunicação na biblioteca, comunicação institucional e a rede Internet como canal de comunicação na perspectiva da Ciência da Informação são temas que trazem implícitos vários problemas, o mais urgente sendo a de ordem epistemológica entre as especialidades: Comunicações e Ciência da Informação.

As Comunicações dizendo-se de massa e para públicos indiferenciados - que foi dar nos "meios de massa" como televisão, rádio, cinema e jornal (para ficar só com a tradição mediática) e a Ciência da Informação dizendo-se especializada ou para públicos especializados ou ainda para públicos restritos - que foi dar nos cientistas e pesquisadores das universidades como os colégios invisíveis, colégios altamente especializados que de tão especializados tornaram-se "invisíveis" às massas e aos meios de massa.

A questão seria então a contraposição entre Comunicação de Massa e Comunicação Científica?

A idéia de que pós-graduação é por natureza interdisciplinar está levando bibliotecários a se especializarem nos *mass media*; está levando comunicadores dos *mass media* a estudarem comunicação científica; os psicólogos, tradicionalmente especialistas do comportamento há muito vêm contribuindo para o estudo de usuários de biblioteca (tema hoje menos estudado mas que está exigindo outros enfoques com as redes eletrônicas); já vemos hoje linhas de pesquisa em produção científica desenvolvidas dentro de programas de psicologia; os temas nobres da Ciência da Informação passam a ser absorvidos em várias áreas e desenvolvidos por pesquisadores também de várias áreas. O importante é não perdermos de vista que a notícia que nós bibliotecários ou cientistas da informação veiculamos é uma notícia 'indexada': produzimos índices ou meta linguagens que são as linguagens de acesso.

Um outro veio que definiu e define ainda as especializações é a contraposição entre o escrito e a oralidade. A Ciência da Informação trataria de documentos escritos registrados num suporte (como se todas as imagens já não fossem registradas em suportes) enquanto as Comunicações tratariam de informações visuais disponíveis a todos os olhares. As comunicações lidariam com linguagens não propriamente documentárias como a linguagem de filme ou televisão (apesar

de assistirmos a “documentários” na TV) enquanto os livros de bibliotecas são, ao contrário, sempre escritos.

A Ciência da Informação, entretanto, diferencia a cor dos escritos. Cinzentos, por exemplo, são os escritos em trânsito. A metáfora “cinzenta” para a literatura semi-formal, aquela que é escrita *para a discussão* tem a ver com uma impressão rascunho, ainda não definitiva, de divulgação restrita e discutível em tese: nas teses, nas conferências, nas epístolas. E chega. A Ciência da Informação aceita o escrito fragilizado pela discussão oral mas não discute mais nada sem o documento em mãos. O texto escrito, se científico vai para a biblioteca; se paracientífico vai para a divulgação de massa como os hebdomadários ou os jornais diários (descartáveis antes do disco óptico).

Temas em debate traz essas questões em quatro artigos, três deles escritos por mestres e doutores em textos que chamaríamos acadêmicos; o quarto texto baseado em leituras de revistas e jornais (chama-lo-íamos de massa?) é uma “pequena” reflexão como o define a jovem bibliotecária Emília da Conceição Camargo, que Transinformação tem o prazer de apresentar; a “pequena” reflexão de CAMARGO problematiza a análise de cultura com a transferência de informação em importantes itens como leitura individual *versus* leitura em massa ou leitor *versus* leitor-consumidor.

Na sessão de Artigos o tema das Comunicações aparece em ambientes de biblioteca, na forma referencial dos bibliotecários (ALENCAR e SOUZA & PONTES) e nos grupos informais (FORTES).

A Comunicação na economia capitalista é analisada por BOLAÑO numa feliz alusão a Karl Marx e Max Headroom, o repórter virtual do futuro. BOLAÑO é, com efeito, um dos autores brasileiros mais importantes na Economia Política das Comunicações.

WITTER & OLIVEIRA respondem como andam os procedimentos metodológicos da Ciência da Informação brasileira, dentro da concepção clássica de cientificidade. O que está em questão é o próprio conceito de pesquisa explorado por GARGANTINI, MOREIRA & FORESTI, mestrandas de psicologia, orientadas pela Prof^a WITTER no seu esforço de divulgar aquela referida concepção de metodologia científica.

O hábito de leitura crítica entre os adolescentes (SODEK), área na qual pedagogos e literatos são participantes naturais é um tema sempre bem-vindo na agenda bibliotecária.

Solange Puntel Mostafa

Editora-responsável

e-mail: solange@aleph.com.br